



## **RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA: A (RE) DESCOBERTA DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE NA ESCOLA E SUAS INTERFACES NA FORMAÇÃO DOCENTE<sup>1</sup>**

Alessandro Carvalho Bica - UNIPAMPA - UNISINOS

Maria Janine Dalpiaz Reschke - ULBRA/GRAVATAÍ – UNISINOS

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo relatar algumas das experiências vividas na escola de Ensino Fundamental Padre Orestes da cidade de São Leopoldo/RS, a partir da proposta de oficina pensada para a disciplina intitulada Fórum de Educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) no ano de 2011. A intervenção na escola teve como propósito revisitar a memória e a identidade dos professores atuantes na escola, bem como, possibilitar a futura construção do Projeto Político Pedagógico desta instituição escolar. A metodologia empregada para o trabalho de intervenção na escola foi o trabalho participativo.

**Palavras-chaves:** Memória, identidade e Projeto Político Pedagógico

### **INTRODUÇÃO**

“A finalidade de nossa escola é ensinar a repensar o pensamento, a “des-saber” o sabido e a duvidar de sua própria dúvida; esta é única maneira de começar a acreditar em alguma coisa.”

Juan de Mairena

A epígrafe no início deste trabalho surge como forma inicial de nossas falas, de nossas impressões e expressões e quiçá de nossos resultados, ao começarmos este trabalho, poderíamos buscar a tradução e o sentido da palavra *escola* – se isto, ainda é possível – através de conceitos milenares, da ajuda dos léxicos ou de algum termo inapropriadamente pensado e categoricamente definido em nossos livros acadêmicos. Porém, este texto tem como propósito

---

<sup>1</sup> Este texto é resultado do trabalho realizado na disciplina “Fórum de Educação”, esta disciplina tem entre seus objetivos: articular os saberes dos acadêmicos do curso de Pós Graduação em Educação da UNISINOS com os saberes dos docentes das escolas municipais da cidade de São Leopoldo. Ademais, esta atividade confirma o propósito e a necessidade de se construir projetos de extensão articulados junto à Secretaria Municipal de Educação.

dialogar despretensiosamente com algumas das experiências vividas na Escola de Ensino Fundamental Padre Orestes de São Leopoldo/RS.

Ao relatarmos nossas impressões, muitas perguntas, questionamentos, inquietudes, incertezas e suspeitas se revelarão talvez em nossa escrita; *Como definir as dimensões da escola? Como compreender o espaço escolar? Como representar a escola? Como relatar a cultura escolar? Como compreender as infinitudes docentes? Como relativizar as lutas de poder?*

Na tentativa de compreender este lugar, este novo mundo, isto é, o lugar do outro, elaboramos uma proposta de oficina com a seguinte temática: ***Repensando a Memória e a Identidade da Escola Padre Orestes***, que tinha por objetivo: *possibilitar aos professores um novo olhar sobre a Identidade e a Memória da Escola em que trabalham.*

Em tempo, cabe salientar que a Escola de Ensino Fundamental Padre Orestes, surge em função da necessidade de reassentamento de famílias que residiam na Avenida Mauá em São Leopoldo, e que foram transferidas para o loteamento Padre Orestes, estas moradias foram construídas em decorrência das obras de extensão do metrô, até a cidade de Novo Hamburgo.

Logo, ao pensarmos esta oficina, compreendemos também que toda e qualquer ação na escola promove uma reação em cadeia, e que a escola, enquanto instituição, tem suas características peculiares e específicas, movida por saberes próprios e por intenções definidas de todos aqueles que formam o corpo da escola. Neste sentido, foi preciso entender, que talvez não levássemos respostas, mas sim, promovêssemos futuras perguntas para os docentes da Escola Padre Orestes.

Neste sentido, tivemos como intenção primeiramente, definir alguns conceitos que eram importantes e faziam parte de nossa proposta de oficina. Logo, no início de nossas falas, sentimos uma frieza por parte dos docentes da escola, algo compreensível, afinal éramos intrusos naquele lugar.

Ao trabalharmos o conceito de memória, tentamos esclarecer que recuperar a memória era importante para aquela escola, mesmo sendo uma escola “plantada<sup>2</sup>” no meio do subúrbio de São Leopoldo, há quase quatro anos.

---

<sup>2</sup> O termo “plantada”, foi utilizada por vários professores em vários momentos da oficina, como uma justificava para que compreendêssemos: Quais eram os motivos da escola estar/ser como era.

De certo modo, quando Bosi (1994: 53), esclarece que memória é “a sobrevivência do passado e que o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças”, possibilitou que nossa oficina fizesse sentido para aqueles professores.

Os estudos atuais sobre esta temática, tem se dedicado em trabalhar com a memória como ponto fundamental de revisitar a história do homem, levando em conta, a memória dos indivíduos que muitas vezes não possuem espaços sociais, tais como, crianças, mulheres, velhos, negros e outros indivíduos apartados do sistema social. Na afirmação de Chauí (2005:125): “*A memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total. A lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais*”.

Outra forte compreensão sobre memória, que nos ajudou a pensar e reforçar nossas intenções pedagógicas foi a concepção de Izquierdo (2002: 10):

Memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizagem: só se ‘grava’ aquilo que foi *aprendido*. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só *lembramos* aquilo que gravamos, que foi aprendido. (grifos do autor)

Não podemos deixar de observar que o homem, enquanto ser social começou a perceber que revisitar, preservar a memória daquela sociedade em que está inserido, é antes de mais nada uma maneira de perpetuar suas origens.

### ***Os primeiros olhares***

Logo, a ***mémoria***, foi aos poucos se manifestando entre aqueles professores, que no começo do nosso encontro, foram resistentes e reticentes a nossa proposta, mas que no decorrer de nossa prática foram constatando que sua escola, apesar de tudo, possuía uma memória, esta marcada pela luta e principalmente pelo desejo da transformação, como podemos observar abaixo:

A Escola Padre Orestes existe, aproximadamente há quatro anos. Sua fundação teve como objetivo suprir as necessidades educacionais e sociais originadas pelo aumento populacional nesta região devido ao deslocamento de outras comunidades para cá.

A Escola é vista como ponto de apoio e ajuda para as famílias resolverem seus problemas e conflitos. Nossa memória escolar, é de barro e brita, os alunos carregavam nos bolsos e jogavam uns nos outros.

Estes relatos, nos fizeram compreender, que toda e qualquer instituição escolar<sup>3</sup>, promove e perpetua a sua identidade própria, permeada por várias identidades singulares, e que estas juntas formam um caleidoscópio único que revelam as características educacionais, culturais e sociais da escola e do entorno.

Neste sentido, trabalhou-se o conceito de identidade, que em nossa compreensão foi definido, como: *a sensação de descobrimento de quem e o que somos, e que cada indivíduo, realiza a partir do momento que é dotado de cultura e lembranças.*

Entrando no campo das identidades em específico, Louro (2000: 12) comenta que:

Essas múltiplas e distintas identidades constituem o sujeito, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

Portanto, a identidade social se refere ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros. As identidades sociais provêm das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam. Logo, é nos espaços escolares, que se produzem identidades próprias, permeadas pelas incertezas docentes, visto que, existem especificidades de lugar no mundo, no bairro e na sociedade que esta escola ocupa.

Neste segundo momento de nossa oficina, pedimos que os professores produzissem textos sobre suas memórias da escola, ouvimos um burburinho inicial de descontentamento, pois ninguém estava muito à vontade de imprimir suas impressões, suas angústias e suas palavras.

---

<sup>3</sup> O termo instituição escolar empregado no texto, nos remete a pensar que a escola, como um espaço objetivo, material, concreto e real, e que a partir destes elementos constitui-se a sua materialidade. Ainda sobre este assunto, ver MAGALHÃES (1999) AMARAL (2003), WERLE, (2007), GATTI JR, (2002), NASCIMENTO et al. (2007).

Depois de algum tempo, as produções começaram a fazer sentido para nós, enfim, começamos a compreender aquela dinâmica escolar. Esta compreensão revelou-se em alguns textos, que destacamos abaixo:

No início, era um pesadelo! Um terror. Não parecia uma escola e sim um depósito de pessoas rotuladas de “não sabe o quê”. A convivência, ou melhor, a sobrevivência era quase impossível, pois era nítido que haviam grupos fechados, uma panela, um “panelão”!...

Neste relato, observamos que nos primeiros anos da escola, os professores sofreram muito com as incertezas de uma instituição, que foi construída puramente pela urgência estatal, sem compreensão nenhuma das especificidades da comunidade do entorno.

Esta constatação pode ser observada, no relato de outro grupo de professores, que fazia parte do primeiro corpo docente da escola, como se constata abaixo:

É uma escola jovem, apenas 4 anos buscando sua identidade dentro de uma comunidade nova. A comunidade sente-se desamparada pelo poder público. [...] No 1º ano letivo, recebemos alunos de mais de 5 escolas diferentes, alunos rotulados “problemas”. Com o passar do tempo foram se integrando ao novo espaço.

Estes relatos revelam a essência do ser professor, numa era de incertezas e de realidades adversas vividas pelos docentes da educação básica brasileira, como argumenta Morin (2007: 85): *Por isso, importa ser realista no sentido complexo, [...]. Isso nos mostra que é preciso saber interpretar a realidade antes de reconhecer onde está o realismo.*

Ademais, percebe-se que tônica expressa nos dois relatos, reside no fato, de que ambos os grupos, revelam que a escola surgiu como um lugar produzido pelo poder público, na tentativa de obliterar um problema maior, a transferência de uma comunidade para outro espaço social.

Logo, compreende-se que a memória dos professores da Escola Padre Orestes, ainda esta permeada pela própria história da escola, isto é, que nas lembranças dos professores, se revelam, todos os processos sociais vividos por eles. Sobre isto, Halbwachs (2004, p: 37), afirma: *“Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade.”*

Entretanto, outros relatos revelam a percepção dos professores em relação ao novo e ao inusitado, desvelando que a reflexão também é parte da ação docente.

A identidade da escola se constitui refletindo a realidade da comunidade. Ambas estão em processo de construção e modificando-se constantemente. [...] A cada ano uma nova história recomeça repleta de novos desafios, pois são pessoas com diferentes culturas e modos de pensar reunidas num mesmo contexto.

Num outro relato, observamos o papel do professor na escola:

Ser professor na Padre Orestes é assumir uma escolha. É trazer conosco o sentimento de que temos algo de nós que pode contribuir na vida das pessoas na comunidade. De uma forma especial, criamos um vínculo com alunos, colegas, famílias. Aqui estabelecemos relações que ultrapassam o fazer do professor. Nos envolvemos com questões sociais, com as tramas que atravessam uma sociedade (por vezes se forma, conforma, deforma).

Nota-se que este grupo de professores definiu que o “SER” professor na escola Padre Orestes e a sua ação docente ultrapassa as questões administrativas, pedagógicas e disciplinares dentro/na escola. Esta constatação nos induz a pensar, que estes professores, mesmo sem saber, fazem o movimento da reflexão da ação docente, como comenta Esteban e Zaccur (2002: 19):

[...] assumir um lugar no outro faz toda a diferença e cada novo lugar que se ocupa deve ser aprendido em suas especificidades, que trazendo potencialidades, também se faz acompanhar de limites diferenciados. [...] uma dinâmica própria que interage com o pensar e com o fazer.

Ademais, a ação docente é a construção de conceitos, a estruturação de sentidos e a feitura de idéias ou ideais sobre a educação e as suas interlocuções com o lugar que os professores ocupam, num processo de reencantamento do ofício do professor. Sobre este ponto, Assmann (1998:29), afirma que: *Reencantar a educação significa colocar a ênfase numa visão da ação educativa como ensejamento e produção de experiências de aprendizagem.*

O eixo norteador de nossa oficina era recuperar a Identidade e a Memória da Escola Padre Orestes, mas nossos propósitos foram obliterados pelo desencadeamento de muitos conceitos emitidos pelos professores desta escola. Estes professores ao fazerem seus registros escritos, revelaram muito mais do que a memória e a identidade do lugar que ocupavam, expuseram sentidos, sentimentos, dissabores e tensões escolares vivenciadas cotidianamente por todos os indivíduos que fazem parte da escola.

### ***A escola como lugar de formação***

Este processo desencadeado por nossa oficina, nos possibilitou a pensar, que pesquisar instituições escolares desvelam as mais profundas cicatrizes da educação brasileira, como também, nos fazem refletir que a escola deve ser vista verdadeiramente, como um lugar de formação permanente dos professores.

Nesta perspectiva de compreender e entender que a escola deve servir como um lócus para a formação continuada de professores, é também compreender que as mudanças educativas surgem em função da escola e das necessidades dos docentes, percebendo assim que cada lugar é único em seus saberes e suas práticas. Logo, estas ações podem se refletir em projetos políticos-pedagógicos únicos e diretamente ligados aos anseios dos professores, alunos e da comunidade do entorno.

Obviamente, que estas intenções devem ser norteadas pela reflexão de seus pares e construídas coletivamente, evitando assim, distanciamentos com as práticas educativas enraizadas socialmente nas escolas. Sobre esta idéia, Candau (1997: 57) nos ajuda a pensar, quando afirma:

[...] considerar a escola como locus de formação continuada passa a ser uma afirmação fundamental na busca de superar o modelo clássico de formação continuada e construir uma nova perspectiva na área de formação continuada de professores. Mas este objetivo não se alcança de maneira espontânea, não é o simples fato de estar na escola e de desenvolver uma prática escolar concreta que garante a presença de condições mobilizadoras de um processo formativo. Uma prática repetitiva, uma prática mecânica não favorece esse processo. Para que ele se dê, é importante que essa prática seja uma prática reflexiva, uma prática capaz de identificar os problemas, de resolvê-los, e cada vez mais as pesquisas são confluentes, que seja uma prática coletiva, uma prática construída conjuntamente por grupos de professores ou por todo o corpo docente de uma determinada instituição escolar.

Tendo como perspectiva o pensamento de Candau, nosso último passo com os professores da Escola Padre Orestes, fosse a escolha a partir de seus textos<sup>4</sup>, uma palavra, que definisse para cada grupo, o que era e o que representava a escola em que atuavam, as palavras produzidas inicialmente, foram: ***responsabilidade, transformação, afeto, insegurança, acolhimento, heterogeneidade, consciência, reflexão, convivência, jovem.***

---

<sup>4</sup> Cabe salientar, que havia em torno de 40 professores na Escola, e estes se dividiram conforme suas preferências, fossem elas, por disciplinas, área de atuação ou por afinidades pessoais. Os professores formaram 10 grupos, e produziram 10 textos sobre a escola.

As palavras escolhidas pelos grupos representam, por assim dizer, os anseios, as angústias, os medos, os sabores, os dissabores, as vozes e as expertises destes professores, podendo ser divididas em três categorias distintas, as que revelam as **condições relacionais** da escola: *afeto, convivência, heterogeneidade e insegurança*, palavras que tangem aos **aspectos profissionais** dos docentes da escola: *jovem, responsabilidade, consciência e reflexão* e uma última categoria que desvendam as **intenções futuras** do ser professor na escola: *transformação e acolhimento*.

Nossa intenção era que estas palavras pudessem ajudar os professores da Escola Padre Orestes a **“encontrar”** na diversidade uma unidade para a escola, e neste sentido, foi pedido que os grupos lessem os registros de seus colegas, e escolhessem outra palavra que definisse o sentido de suas escritas. Neste momento, as palavras que surgiram, foram: **determinação, referência, cultura da escola, mudança, afetividade, incerteza, realidade, desafio, escolha e desbravar**.

Quadro síntese das palavras escolhidas pelos professores

<b>Categorias</b>	<b>Escrita – O meu olhar</b>	<b>Leitura – O meu olhar a partir do outro</b>
<b>Condições relacionais</b>	Afeto, convivência, heterogeneidade e insegurança.	Afetividade, incerteza
<b>Aspectos profissionais</b>	Jovem, responsabilidade, consciência e reflexão.	Escolha, realidade desafio, desbravar e determinação.
<b>Intenções futuras</b>	Transformação e acolhimento.	Referência, cultura da escola e mudança.

Fonte: Autores

As palavras escolhidas pelos professores foram divididas e agrupadas em distintas categorias, a saber: condições relacionais da escola, aspectos profissionais dos docentes da escola e intenções futuras do ser professor na escola, revelando assim, que mesmo, as **“escolas problemáticas”**, são permeadas por saberes docentes únicos que orientados podem revelar projetos educativos diferenciados e singulares.

Este planejamento pensado por nossa oficina, tinha como propósito metodológico, possibilitar aos professores da escola Padre Orestes, a retomada de suas memórias na construção da identidade da escola a partir de suas escolhas.

Logo, todas as palavras, foram colocadas na parede da sala em que estávamos, para que o grupo de professores fizesse suas escolhas, sob o olhar e a decisão do coletivo. Esta ação de certo, não foi à primeira decisão tomada pelo grupo, mas, talvez, possibilitou a estes professores, um olhar mais efetivo e paciente sobre si mesmos, após muitos embates ideológicos e por que não dizer pessoais, o grande grupo escolheu as palavras que definiam a Escola Padre Orestes.

No processo de escolha, o grupo definiu que a identidade e a memória da Escola Padre Orestes seria definida pelas seguintes palavras: *desafio, responsabilidade, determinação, afetividade e transformação*.

### ***O Projeto Político Pedagógico – Um olhar para o futuro***

A partir de então, nos encaminhamos para o final de nossa oficina. Ao pensarmos juntos com os professores a identidade e a memória da Escola Padre Orestes, tínhamos como pressuposto metodológico e pedagógico que o caminho para responder as adversidades vividas por esta instituição escolar, era repensar/reconstruir o seu Projeto Político Pedagógico, buscando resoluções para seus velhos paradigmas.

Sobre a importância da autonomia escolar no Projeto Político Pedagógico, Malheiro (2005:80), faz a seguinte consideração:

A luta pela autonomia insere-se numa luta maior no seio da própria sociedade. Sua eficácia depende muito da ousadia de cada escola em experimentar o novo. Mas, para isso, é preciso percorrer um longo caminho de construção da confiança na escola, na capacidade de ela resolver seus problemas e dificuldades e de achar os melhores caminhos para a sua clientela.

Logo, compreendemos que o melhor caminho para as escolas “problemas” reconduzirem seus processos administrativos, políticos, pedagógicos e culturais residam na construção de projeto políticos pedagógicos colaborativos com todos os atores que fazem parte da escola.

Na afirmação de Vasconcellos (2002: 21):

O Projeto tem uma importante contribuição no sentido de ajudar a conquistar e consolidar a autonomia da escola, criar um clima, um ethos onde professores e equipe se sintam responsáveis por aquilo que lá acontece, inclusive em relação ao desenvolvimento dos alunos. De certa forma, é o Projeto que vai articular, no interior da escola, a tensa vivência da descentralização e, através disto, permitir o diálogo consistente e fecundo com a comunidade e com os órgãos dirigentes.

Neste sentido, compreendemos que a construção de um “novo” Projeto Político Pedagógico, a partir de palavras norteadoras pensadas, escolhidas e sentidas pelo corpo docente da escola, seja capaz de constituir um novo olhar para fora/dentro da escola. Ademais, esta construção pode antever um futuro diferente daquele memorizado nas falas dos professores, como comenta Gadotti (1994:579):

Todo o projeto supõe *rupturas* com o presente e *promessas* para o futuro. Projetar significa tentar quebrar um estado de confortável para arriscar-se, atravessar um período de instabilidade e buscar uma nova estabilidade em função da promessa que cada projeto contém de estado melhor do que o presente. Um projeto educativo pode ser tomado como promessa frente a determinadas rupturas. As promessas tornam visíveis os campos de ação possível, comprometendo seus atores e autores.

Nessa perspectiva, pensar o projeto político pedagógico de maneira coletiva e colaborativa, vai além do agrupar os planos de ensino, as atividades educativas e o currículo escolar. Esta ação pedagógica contribui, enfim, para a construção da memória e da identidade escolar.

O projeto pensado neste sentido busca uma direção, um rumo, se traduz pela ação intencional de seus atores. Por fim, o projeto político pedagógico da escola irá cumprir o seu papel e seu compromisso sóciopolítico, isto é, como afirma Saviani (1983:93): *A dimensão política se cumpre na medida em que ela se realiza enquanto prática especificamente pedagógica*. Logo, o político e o pedagógico têm assim uma significação indissociável.

### **Finalizando**

Ao tentar concluir este texto, sobre a ótica de nossa proposta inicial, percebemos que a escola pública, como espaço educativo, revela muito do que ainda não sabemos, que suas ações interiores desvendam intenções políticas, pedagógicas, culturais, administrativas e culturais. Mas mesmo assim, a escola continua sendo escola, professores são sempre professores, alunos

são sempre alunos, que constituem uma mesma comunidade, um mesmo espaço educativo, ou que nós chamamos de Universo Escolar.

Para compreendermos o conceito de Universo Escolar, as palavras de Morin (2007: 76) podem nos auxiliar, quando afirma que: *Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas culturas singulares.*

Neste sentido, que o Projeto Político Pedagógico de qualquer escola, deve ser constituído pela vontade, pela voz, pela identidade, pelas racionalidades internas e externas, pela autonomia, pelas várias idéias e pelos vários ideais, pela organização das ações e pela otimização dos espaços, dos recursos humanos, dos materiais financeiros de todos os indivíduos do Universo Escolar.

A ausência destes pontos nos revela uma escola sem projeto, uma escola sem rumo, uma escola sem futuro, uma escola sem sonho, uma escola sem sentido, uma escola edifício, um espaço sem alma.

Paulo Freire (1982: 100), escreve sobre a utopia possível, afirmando o seguinte:

O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da linha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos. (...) A questão do sonho possível tem a ver exatamente com a educação libertadora, não com a educação domesticadora. A questão dos sonhos possíveis, repito, tem a ver com a educação libertadora enquanto prática utópica. Mas não utópica no sentido do irrealizável; não utópica no sentido de quem discursa sobre o impossível, sobre os sonhos impossíveis. Utópico no sentido de que é esta uma prática que vive a unidade dialética, dinâmica, entre a denúncia e o anúncio, entre a denúncia de uma sociedade injusta e expoliadora e o anúncio do sonho possível de uma sociedade que pelo menos seja menos expoliadora, do ponto de vista das grandes massas populares que estão constituindo as classes sociais dominadas.

Logo, a partir destas palavras, a utopia deve ser compreendida como reflexão pedagógica, que faz do professor um agente do futuro, um indivíduo da mudança, aquele que subverte a ordem estabelecida, ou apenas aquele que a educação ainda é o caminho possível para a transformação das realidades institucionais.

Sendo assim, nossas indagações ou indignações iniciais: *Como definir as dimensões da escola? Como compreender o espaço escolar? Como representar a escola? Como relatar a cultura escolar? Como compreender as infinitudes docentes? Como relativizar as lutas de poder?* Possam ter uma resposta ou várias respostas, mas todas elas residem, no fato de que a

construção do Projeto Político Pedagógico, deva ser coletivo e colaborativo, permeado pelas intenções de todos aqueles que fazem da escola o seu lugar de vivência e de lembranças.

### **Referencias Bibliográficas**

- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CANDAU, V. Mª. **Magistério construção cotidiana**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.
- ESTEBAN, Maria Tereza; ZACCUR, Edwiges. **A pesquisa como eixo de formação docente**. In: ESTEBAN, Maria Tereza; ZACCUR, Edwiges (Orgs). *Professora pesquisadora uma práxis em construção*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação: sonho possível**. IN: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) (1982). *O educador: vida e morte*. 2º ed. Rio de Janeiro: Graal.
- GADOTTI, Moacir. **Pressupostos do projeto pedagógico**. In: MEC, Anais da Conferência Nacional de Educação para Todos. Brasília, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar*. 1ª ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.
- LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.
- MALHEIRO, João. **Projeto Político-Pedagógico: Utopia ou Realidade?** In: Ensaio: avaliação políticas públicas Educacionais, Rio de Janeiro, v.13, n.46, p. 79-104, jan./mar. 2005.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à Educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política.** São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983.

VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** São Paulo: Libertad, 2002.

\_\_\_\_\_. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto pedagógico.** São Paulo: Libertad, 1995.